

ENTREVISTA

EDUCAÇÃO SEXUAL: AVANTE!

Entrevista com a Prof^ª Dra. Teresa Cristina Pereira Carvalho Fagundes

Por Sheila Reis

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes é Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade Salvador (Unifacs) e professora aposentada da UFBA, com experiência de quase três décadas na área de Educação, com ênfase em Educação Sexual, Formação Docente, Memória, Relações de Gênero e Educação a Distância. Membro atuante da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) desde sua fundação.

Qual a diferença entre Orientação e Educação Sexual?

Desde o início de nossas ações nessa área (ainda nos anos 1970), optamos pela terminologia Educação Sexual, Educação para a Sexualidade e Educação em Sexualidade. Sempre Educação.

A educação sexual na escola foi legislada com a terminologia Orientação Sexual, significando um processo pedagógico sistematizado que compreende, principalmente, a informação e a troca de saberes.

Entretanto, como Orientação Sexual refere-se também a uma organização específica do erotismo de um indivíduo em relação à parceria sexual, optamos pela terminologia Educação Sexual por se tratar de um processo mais abrangente que não se limita a um conjunto de informações sobre sexualidade; compreendem, principalmente, ações educativas que visam o desarraigamento de preconceitos (como a heteronormatividade compulsória e a homofobia), a discussão sobre emoções, sentimentos e valores e a reflexão sobre credences, mitos e tabus que, de certa forma, impedem a construção e o uso de saberes na área.

Como são tratadas as sexualidades no ambiente escolar? São trabalhadas? De que maneira e por quem?

Gostei da pergunta sobre sexualidades, no plural, porque, de fato, não existe apenas uma sexualidade. Assim como nossas identidades, a sexualidade humana é uma, mas também múltipla e plural. Resulta da integração de fatores biopsicohistóricoculturais, socioeconômicos, étnicos e religiosos, incluindo todas essas dimensões que, embora não sejam, necessariamente e simultaneamente, experimentadas ou manifestadas, somadas resultam nas sexualidades experientes e expressadas em tudo que somos, sentimos, pensamos e agimos.

E é essa complexidade que precisa ser (e atente que não dizemos que 'é') trabalhada no ambiente escolar, requerendo uma competente, efetiva e duradoura atuação dos educadores de todos os níveis de ensino. Eles precisam ter um corpo de conhecimento abrangente e grande disposição para atuar. É preciso ter atitudes coerentes com as informações e ter disposição para agir de forma favorável ou não em relação a uma situação particular atrelada às vivências das sexualidades.

Além do conhecimento (que ocorre a nível consciente e racional), educar para a sexualidade

envolve a revisão de crenças (que atuam no campo irracional e até mesmo do inconsciente) somadas ao componente afetivo (sentimento ou reação emocional) que apresentamos com relação a um objeto ou situação.

A formação e o comportamento dos Professores e Diretores de Instituição Escolar, com relação ao tema, tem evoluído?

O Programa de Educação Sexual que implantamos na Universidade Federal da Bahia, nos anos 1980, desenvolveu seminários, cursos de formação, extensão e atualização, simpósios, congressos e oficinas com professores/educadores, crianças adolescentes e adultos, alcançando mais de vinte mil participantes em seu período de funcionamento durante quinze anos.

No início, como foi difícil envolver professores, coordenadores e diretores das instituições de ensino!

Aos poucos, convidando-os a programar conosco as ações de que todos precisavam, cresceu o envolvimento e compromisso em realizar ações nas escolas de cada integrante do grupo.

Mas, o que restou/resultou?

Muitos educadores que começaram a trabalhar nesse período continuam desenvolvendo ações em suas instituições educativas formais e não formais, mas outros não seguiram sua vida profissional com esse propósito.

Em todo o país, contudo, é crescente o envolvimento de educadores e experiências bem-sucedidas.

Destacamos os projetos governamentais e de organizações não governamentais (ONGs), que alcançam todas as regiões do país, ora bastante incisivos ora pouco contundentes, mas que objetivam combater atitudes e sentimentos negativos em relação a pessoas homossexuais, bissexuais, intersexuais e transexuais, pessoas marginalizadas pela sociedade por se distanciarem dos padrões da heterossexualidade ou do binarismo de gênero,

enfim, prevenir as diferentes formas de violência sexual e de gênero.

A disciplina Sexualidade e Educação criada para alunos de Ciências Biológicas, Pedagogia e outras licenciaturas, também se manteve na grade curricular desses cursos na UFBA e desde 2005, implementamos uma equivalente – Educação e Sexualidade – no curso de Pedagogia da Universidade Salvador (Unifacs). Aliada a essas ações, a criação e atuação da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), consideramos marca positiva da Educação Sexual no Brasil.

Após esses quase trinta anos atuando na área da sexualidade humana, participando em reuniões científicas pelo Brasil e exterior, quais os desafios ainda enfrentados?

São muitos os desafios. É incrível que, em meio a tantas mudanças e tantos avanços no que concerne a busca pelo respeito à diversidade, à igualdade de direitos, a inserção de programas nacionais que combatam a violência sexual e de gênero e a resistência para implementar ações educativas na escola seja tão grande. Temos professores até preparados, mas, de certa maneira, tímidos para enfrentar gestões que não privilegiam ou até impedem o desenvolvimento dessas ações.

Na Bahia, a educação sexual nas escolas passou a existir ainda nos anos 1940... e de lá para cá há histórias de sucessos e insucessos, de idas e vindas tão grandes, que suas marcas não são tão profundas como deveriam...

Quanto aos desafios enfrentados nos deslocamentos que temos para eventos no exterior, percebemos que nós, brasileiras e brasileiros, somos mais “tímidos” em divulgar nossas experiências, em escrever e assegurar publicações na área. Principalmente, os profissionais do Norte, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil que não contam com editoras de peso nacional, e que deixam de ser incluídos em estudos que registram essas experiências, em publicações feitas no Sudeste e Sul do Brasil.

A formação (e a discussão) em Sexualidade Humana ainda é vista com certo preconceito. O que fazer para tratarmos o tema de forma mais abrangente?

A educação sexual na escola que começamos a trabalhar nos idos de 1980, principalmente com ênfase na formação de educadores, já se preocupava com essa discussão, mas não tinha força o bastante para ter continuidade, principalmente por não ser referendada por legislação nacional.

Insistíamos no estudo da temática por meio de seminários, simpósios, encontros, debates e cursos, envolvendo os segmentos profissionais e auxiliares da escola: professores, supervisores, orientadores educacionais, diretores, pessoal de apoio e até estudantes “líderes”. Muitos projetos deslancharam, mas quando qualquer membro da equipe de determinada instituição de ensino era substituído, o ânimo diminuía, e os programas pereciam.

“Começar de novo” a cada ano, a cada período de novos governos!

Era assim que atuávamos cotidianamente como professora universitária, engajados em programas de pesquisa, de ensino e de extensão.

Quinze anos se passaram desde a promulgação da Orientação Sexual como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), e a solução não se plenificou em todo o território brasileiro.

Ampliaram-se os incentivos, os cursos e as publicações sobre diversidade e gênero, sobre o combate à homofobia e a heteronormatividade, sobre educação emancipatória. Mas não acontece em todas as escolas brasileiras a educação sexual que conduza à construção de cidadãos livres de preconceitos e ao empoderamento de crianças, jovens e adultos como precisaríamos e deveríamos ter.

São essas constatações que nos levam a lutar e a investir na continuidade de processos e programas de educação para a sexualidade e a socializar reflexões e saberes construídos sobre a temática por meio de palestras e conferências (em eventos científicos) e em escritos acadêmicos ou informais como esse.

Como educadora, o que dizer para os novos profissionais que estão entrando para área da Sexualidade Humana?

Quando estava pensando em me adentrar nos estudos, pesquisa e ação no campo da Sexualidade Humana, ouvi de minha mãe, grande educadora: “Se você quer, estude, sinta-se segura, tenha coragem e faça, ouse, comece que, a partir do primeiro passo as aprendizagens vão emergindo também das interações que estabelecemos, a experiência vai se consolidando, e aí não paramos mais”. Além do estudo continuado, incorporei aos poucos a aprendizagem de comportamentos, atitudes e habilidades que se fazem necessárias aos educadores: saber ouvir mais do que falar, acolher, perceber que nossos educandos muitas vezes nos ensinam mais do que aprendem, respeitar as diversidades, olhar o “diferente” com direitos como os nossos, e programar ações adequadas às idades, aos interesses e às histórias de vida de cada um. Também é preciso saber dar os encaminhamentos necessários quando as demandas vão além das nossas possibilidades e capacidades.

Avante!

Com fé!

Rio de Janeiro, 10 de março de 2012.

Sheila Reis

Psicóloga e Mestre em Sexologia

Diretora de Relacionamentos da SBRASH - biênio

2012/13